



## Lukács e a subjetividade

---

Gilmaísa Macedo da Costa<sup>68</sup>

---

**Resumo:** O texto trata da subjetividade no pensamento de Lukács, partindo de sua crítica à supressão desse tema pelo marxismo. Traz uma reflexão sobre as bases ontológicas do duplo processo de sociabilidade e individuação a partir do trabalho, discutindo o surgimento da personalidade em consequência do desenvolvimento das capacidades humanas.

**Palavras-chave:** Ontologia, Trabalho, Indivíduo, Sociedade

**Abstract:** The text deals with the subjectivity in the thought of Lukács from his critique to the suppression of this theme for the Marxism. It brings a reflexion about the ontology bases of the double process of sociability and individuation from the labour, discussing the appearance of the personality in consequence of the development of the human abilities.

**Keywords:** Ontology. Labour. Individual. Society.

Esta exposição tem por objeto de análise da subjetividade em Georg Lukács. Resultou basicamente da pesquisa de *Para a Ontologia do Ser Social* (1981), obra em que o autor expõe exaustivamente sobre as bases ontológicas do pensamento e da atividade humana. Nossa reflexão é realizada a partir dos caracteres essenciais do ser social expressos nessa *Ontologia*, em sua contribuição ao problema da formação da individualidade no processo histórico da sociabilidade humana. Ressalta-se o que se poderia denominar de um inusitado tratamento da subjetividade por parte de uma ontologia materialista, tendo em vista que a tradição marxista afastou-se até certo ponto de questões relacionadas ao problema da individualidade. Conforme analisa Silveira, “é certo que a subjetividade e a questão mais ampla da individualidade foram tratadas, por parte das mais diversas correntes de pensamento, de uma forma geral, sob uma perspectiva hipostasiante. Isso, contudo, está muito longe de justificar o abandono ou, melhor ainda, a supressão dessas questões no interior do pensamento marxista” (1989, p.11). Uma lacuna que a *Ontologia de Lukács* acaba por suprir nesta

---

<sup>68</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFAL. Membro do Grupo de Pesquisa Sobre Reprodução Social.



obra da sua maturidade, produzida entre 1960 e 1971, com um tratamento do tema da individualidade e do desenvolvimento da personalidade<sup>69</sup>.

Seria injusto afirmar que a ausência da subjetividade perpassou o marxismo em seu conjunto. É notório que Leontiev (1978a, 1978b) produziu uma obra significativa com vistas a apreender as determinações essenciais da consciência humana. Pensou os fundamentos da atividade dos homens e dos princípios educativos formadores da personalidade, visando superar a perspectiva de redução do homem simplesmente a um animal que vive em um meio social e realçando o caráter transformador de sua ação e “da reprodução, pelo indivíduo, das aptidões e funções historicamente formadas” (Idem, 1978b, p.169). Tais aptidões não seriam simplesmente dadas culturalmente, mas postas, ou seja, produzidas material e espiritualmente pela sociedade. Suas últimas convicções sobre a personalidade são de que esta seria engendrada pela atividade humana na relação dos homens entre si.

Convém citar ainda, entre outros, Sève, quando avalia que: “Sendo extremamente importante, a teoria da personalidade não o é apenas no terreno e nos limites da psicologia, de acordo com as razões do especialista; é-o de uma forma universal para o presente e o futuro dos homens” (1979, p.18). Contudo, menciona reservas e desconfianças por parte dos marxistas em relação ao problema da individualidade, o que acaba por relegar o tema a uma posição subalterna no interior do corpo teórico dessa tendência. Em oposição a isso se propõe a demonstrar que o problema da personalidade tem importância científica decisiva para o marxismo. Com esse ponto de partida, Sève reflete sobre fundamentos de uma teoria da personalidade cujo objetivo consistiu em contribuir com uma psicologia em formação, realizando a interlocução com pensadores dessa área de conhecimento mediante uma aproximação à teoria social de Marx.

Reservadas as diferenças entre os autores, algo similar é realizado por Duarte (1993), na perspectiva de superar o mecanicismo na interpretação do problema da individualidade no interior do marxismo, em cuja apropriação, particularmente das formulações de Marx sobre o indivíduo, desenvolve uma reflexão substancial acerca da individualidade para si, visando contribuir com a apreensão do indivíduo concreto pela pedagogia histórico-crítica. Nessa obra sobressai especialmente a análise da constituição do gênero e da individualidade enquanto momentos histórico-sociais do desenvolvimento humano. Pensa a formação do indivíduo inserida no processo histórico de objetivação do gênero humano, enquanto síntese de múltiplas determinações, enfatizando que teorias pedagógicas críticas “assim como outros ramos das ciências humanas ainda não chegaram a construir plenamente uma teoria da individualidade humana que permita analisar a singularidade histórico-social de cada ser humano” (Idem, p.13). Objetivo que persegue na realização de seu

---

<sup>69</sup> Um tratamento amplo da individualidade se encontra em *Indivíduo e Sociedade: sobre a teoria da personalidade em Georg Lukács*, de nossa autoria, publicado pela EDUFAL, 2007 e pelo Instituto Lukács, 2012.



pensamento, concluindo com a idéia de que o ser humano possui uma essência histórica a ser considerada por qualquer pedagogia que se afirme marxiana. Portanto, a busca de princípios marxianos aparece em tais obras no campo da psicologia e da pedagogia crítica.

A negligência em relação ao problema da individualidade, por parte da tradição marxista, constitui objeto de severas críticas de Lukács quanto aos “preconceitos vulgar-mecanicistas dos sucessores de Marx” (1981, p.255), que, no seu entendimento, “transformaram a legalidade objetiva da economia em uma espécie de ciência natural especial, reificaram e fetichizaram as leis econômicas até o ponto em que o indivíduo singular se mostrava como um objeto completamente passivo da sua ação” (Idem, p.255). Em sua análise, a correta crítica que fora realizada à supervalorização do indivíduo em certas concepções de mundo burguesas “se transformou numa caricatura e, quando se tentou corrigi-la - digamos kantianamente -, dela surgiu uma transcrição, que se pretendia marxista, do dualismo entre os ‘mundos’ da razão e prática” (Idem, p.255-6). No contraponto a essas posições reificadoras e fetichizantes, Lukács atribui ao indivíduo uma essencialidade histórica, na perspectiva de que no curso do desenvolvimento econômico-social, o homem de mero exemplar singular se eleva à individualidade em uma dinâmica e insuperável inter-relação concreta com a sociedade. Não há historicidade autônoma em qualquer fenômeno particular, tampouco dependência possível que permita deduzi-lo automaticamente do desenvolvimento econômico. Todo ele resulta da interação dialética com a totalidade social em seu contraditório e desigual processo de continuidade.

Em sua *Ontologia*, Lukács, sob a precisa percepção de Tertulian, “se propôs como tarefa desenvolver os lineamentos gerais de uma filosofia da subjetividade a partir das premissas marxianas” (2004, p.10). A obra reflete o aparato categorial que Lukács usa para enriquecer e superar concepções a-históricas de homem, no qual se delineia o percurso ontológico da individuação como parte do processo global da realidade objetiva do tornar-se homem do homem. No contexto de elaboração do seu pensamento emerge a concepção de “pessoa” na visão de Oldrini: “o resultado de uma dialética social que atinge as bases reais da vida do indivíduo e se relaciona com a estrutura econômica, as condições, as relações de classe etc., em resumo, com ‘o campo de manobra histórico-social concreto’, no interior do qual aquela vida se desenvolve” (1995, p.19). Portanto, fica claro desde logo que o termo “pessoa” não traduz qualquer resquício idealista de uma concepção de personalidade, mas uma expressão concreta do ser social enquanto ser.

### **Indivíduo e subjetividade**

A força originalmente fundante do desenvolvimento humano é o trabalho, categoria central do mundo dos homens<sup>70</sup>, com a qual nascem conexões, processos, objetividades, que, tanto do ponto de vista subjetivo quanto objetivo, representa algo

---

<sup>70</sup> A expressão Mundo dos Homens é de Sérgio Lessa, 2002.



qualitativamente novo em relação aos processos naturais. No trabalho se realiza o processo de objetivação mediante o qual o homem produz novas realidades. Tertulian ressalta:

Lukács também propôs, no ato do trabalho, a distinção entre o momento da objetivação (a *Vergegenständlichung* da qual Marx falava em seus *Manuscritos* de 1844, associando *Vergegenständlichung* a *Entgegenständlichung*, objetivação e desobjetivação) e o momento de exteriorização (*Entäußerung*); o primeiro traduziria as transformações estabelecidas no mundo dos objetos para torná-los conforme o objetivo pretendido; o segundo, as reverberações destas atividades na constituição da subjetividade, as qualidades especificamente subjetivas que se exprimem no objeto criado (2004, 11, Grifos na obra).

Deste modo, o trabalho é composto pela “objetivação do objeto e a exteriorização (*Entäußerung*) do sujeito, que formam como processo unitário a base da práxis e da subjetividade humana” (Lukács, 1978, p.397). Enquanto a objetivação exige dos homens comportamentos homogêneos para que a produção do objeto possa ocorrer do modo mais preciso possível, a exteriorização age sempre no sentido de diversificá-los impulsionando para as diferenças comportamentais e pessoais. No ato de exteriorizar-se o sujeito se distingue do objeto criado e reconhece nele a sua criação, inclusive deixando no produto a marca do seu produtor. Essa marca seria a expressão da sua individualidade que se manifesta não só no objeto produzido, mas também na linguagem, nas escolhas dos indivíduos em situações concretas, enfim, no seu comportamento pessoal e na relação com o próprio grupo que compõe. De modo que este momento positivo do trabalho dá início à constituição da individualidade, desenvolvida com a reprodução social num constante movimento de recuo das barreiras naturais no sentido pensado por Marx, pelo predomínio crescente das categorias sociais.

Lukács compreende o desenvolvimento humano como um duplo processo, composto pelos pólos da sociabilidade e da individuação, que, embora intimamente articulados, constituem momentos efetivamente distintos. Com isso o autor afirma a impossibilidade ontológica de qualquer identidade sujeito x objeto e também reconhece a desigualdade no desenvolvimento desse duplo processo humano-social. O desenvolvimento das forças produtivas resultante da objetivação é decisivo para o crescimento das capacidades dos homens, e uma conseqüência indireta disso é “o surgimento e a explicitação da personalidade humana. Essa tem, como base inevitável, a elevação das capacidades, mas não é sua simples e linear consecução” (Lukács, 1978, p.15). Nas palavras do autor: “O que nós chamamos de personalidade humana é uma forma social mais complexa do singular (*Einzelnen*) e se pode demonstrar historicamente como a partir da simples singularidade (*Einzelheit*) o homem foi desenvolvendo-se, no ser social, como individualidade (*individualitaet*)” (Lukács, *apud* Oldrini, nota 20,122). Ela se forja como síntese das escolhas dos indivíduos diante das



demandas que a vida social lhes impõe e “mesmo quando se movem em sentido negativo em relação às tendências da época – tais respostas nascem das demandas da época” (Lukács, 1981, p.245-6). O que configura a íntima relação entre indivíduo e sociedade anteriormente referida e ainda sugere que as demandas sociais, bem como as respostas individuais acontecem em situações sociais concretas, sendo, portanto historicamente situadas.

Nesse processo de reprodução social, a divisão do trabalho avança à medida que as forças produtivas se desenvolvem e as atividades dos homens se diversificam intensamente. Cria-se um campo de manobras histórico-social concreto que amplia em sentido intensivo e extensivo o campo de possibilidades de os indivíduos se desenvolverem como pessoas. O polo ontológico da individualidade no qual se explicita a base subjetiva do ser social é um componente necessário do desenvolvimento humano genérico, na interação com o desenvolvimento social objetivo. Em sua totalidade esse desenvolvimento é movido por contradições e crises expressas em avanços e recuos. A heterogeneidade das tarefas requeridas pela divisão social do trabalho só pode ser realizada porque, no plano do indivíduo, que somente pode agir como uma individualidade, ela forma uma unidade e somente pelo seu efeito unificador é levada à unidade subjetiva da personalidade. Justamente por isso a personalidade é síntese de múltiplas determinações, pois a heterogeneidade de ações que a sociedade demanda dos indivíduos humanos requer uma síntese de suas capacidades singulares. Dado que a necessidade impulsiona para a diversidade crescente de atividades, a relação entre a sociedade e as individualidades se torna crescentemente mais rica e mediada, portanto, torna possível a criação de personalidades também mais desenvolvidas. No essencial, o desenvolvimento histórico genérico é um processo de formação da personalidade humana e de sua liberdade, configurada por Marx na tríade dialética da reprodução social:

As relações de dependência pessoal, (no princípio puramente naturais), constituem as primeiras formas sociais dentro das quais se desenvolve a produtividade humana, ainda que em proporções reduzidas e em lugares isolados. A independência das pessoas baseada na dependência *objetiva* constitui a segunda grande forma: é aqui e somente aqui onde se cria um sistema de metabolismo social generalizado, pleno de relações, faculdades e necessidades universais. A livre individualidade, baseada no desenvolvimento universal dos indivíduos e a destreza de sua produtividade coletiva convertida em sua potência social constitui a terceira fase. A segunda fase cria as condições para a terceira. Tal como a sociedade antiga, a sociedade patriarcal e a sociedade feudal) declinam ao desenvolver-se o comércio, o luxo, o *dinheiro* e o *valor de troca* e, ao mesmo tempo, vai tomando lugar a sociedade moderna (Grundrisse, p. 61-2. Grifos na obra).

Mas esse desenvolvimento ocorre de maneira desigual na história, permeado pela exploração do homem pelo homem e por intensos conflitos de natureza variada,



quase sempre sacrificando o crescimento dos indivíduos, de suas potencialidades, de sua consciência, enfim, de sua substância individual. O enriquecimento da personalidade não é uma simples e linear consecução do desenvolvimento das capacidades humanas, justamente porque o processo é perpassado por contradições e desigualdades em que o crescimento das capacidades dos homens e a explicitação de sua personalidade frequentemente se opõem. Uma oposição que se aprofunda de tal modo que: “Hoje, o desenvolvimento das capacidades, que vai se diferenciando cada vez mais nitidamente, aparece inclusive como um obstáculo para o devir da personalidade, como um veículo para a alienação da personalidade humana” (Lukács, 1978, p.15). Portanto, se o trabalho já nos primórdios possibilita a existência de um gênero humano ainda mudo, mas portador de uma consciência distinta daquela da mera animalidade, a constituição de uma humanidade em sentido pleno é intensamente dificultada pela ausência de unidade entre o gênero e os exemplares individuais. Neste sentido opera decisivamente o problema da alienação, melhor dizendo, atuam diversos complexos alienantes, limitando o desenvolvimento das individualidades ao plano meramente particular. Seu caráter de ser genérico, membro da humanidade, é subsumido pelos aspectos particulares que o definem apenas como membro de uma classe, nação, raça, sexo etc., bloqueando as possibilidades de sua elevação em sentido integral e omnilateral.

Com o capitalismo se instaura uma nova forma de interação do indivíduo na sociedade resultante das condições de vida nela criadas, cuja marca é a casual posição de classe do indivíduo. A história de cada um transcorre paralelamente à história de sua classe sem que a sua individualidade esteja irremediavelmente ligada à classe social a qual pertence. Cria-se uma condição de liberdade burguesa em que os homens se tornam livres para comercializar a força de trabalho e é essa condição que se apresenta à consciência dos indivíduos, fortalecendo a fé na eternidade das idéias produzidas e divulgadas pela classe dominante. Analisando a ideologia burguesa Marx afirma:

Nas relações monetárias, no sistema de troca desenvolvido (aparência sedutora para os democratas) vemos que os nexos de dependência pessoal aparecem rotos, desgarrados, igual às diferenças de sangue, de cultura, etc. (os nexos pessoais se manifestam, pelo menos, todos como relações *pessoais*), e os indivíduos parecem independentes (esta independência que em geral é uma mera ilusão e que mais deveria chamar-se negligência), relacionar-se uns com os outros e realizar trocas em liberdade; sem dúvida só se manifestam assim aos olhos de quem omite as *condições de existência* nas quais estes indivíduos entram em contato (condições que, por sua vez, são e se manifestam independentes dos indivíduos e aparecem como *condições naturais*, ou seja, subtraídas aos controle dos indivíduos, ainda que sejam engendradas pela sociedade). (Grundrisse, p. 66. Grifos na obra).





Na realidade, a aparência de indivíduo livre resulta da subordinação deles a uma força objetiva originada na base econômica; em consequência, expressam a não-liberdade do homem como ser humano genérico. Na análise de Rosdolsky, os portavozes do conceito de liberdade moderno: “Não compreendem que a liberdade burguesa, longe de representar a encarnação da ‘liberdade em geral’, é um produto específico do modo de produção capitalista, e por isso compartilha as limitações deste” (2001, p.348). Os indivíduos estão sujeitos ao domínio da reificação própria ao modo de produção capitalista, por isso mesmo são mais livres em um aspecto e menos livre em outro.

Inegavelmente o capitalismo atinge um alto grau de desenvolvimento das forças produtivas, portanto, das capacidades humanas. Neste estágio de desenvolvimento genérico a individualidade também alcança um grau elevado de evolução em termos do recuo das barreiras naturais. Os indivíduos se tornam cada vez mais complexos com o impulso da divisão do trabalho e da complexidade de atividades a requererem uma síntese de suas capacidades singulares e de suas habilidades. Mas a relação entre o crescimento das forças produtivas e das personalidades igualmente se apresenta contraditória e desigual. As alienações operantes na produção e na reprodução da vida social tendem a bloquear e reduzir a personalidade somente ao plano particular do em-si, cuja referência básica se encontra na aspiração ao ter, à garantia da reprodução material por excelência. Aspiração regida pelas determinações da reprodução social com base em relações de exploração do homem pelo homem.

A personalidade para-si se põe nesta sociedade somente como possibilidade e pode elevar-se ao para-si apenas no plano de uma consciência que aspira a uma generidade humana autêntica. Esta aspiração permanece uma idéia no horizonte para indivíduos cuja consciência se alça a querer agir e buscam em suas forças próprias os meios para a construção de uma humanidade elevada como gênero e como indivíduo. Portanto, o desenvolvimento alcançado com a sociedade capitalista não expressa a história humana conscientemente orientada à unificação do homem como autêntica e genérica pessoa humana. Em outras palavras, não constitui o fim da história; ao contrário, o início desta apenas se põe como possibilidade para a humanidade.

No equacionamento do problema das possibilidades de superação da personalidade somente particular e a constituição de uma autêntica personalidade, Lukács destaca a importância da consciência. O fenômeno da alienação e as buscas de sua superação se modificam segundo o modo e o quanto a consciência esteja conectada à idéia de que a condição de alienado fere a dignidade humana. A reação a tais complexos por parte dos sujeitos pode ser tentativas conscientes de superação que tendem a ir além da particularidade então existente. A relativa autonomia de cada complexo alienante permite que o indivíduo o combata ou o incorpore separadamente, de modo que a reação a cada um deles pode se mostrar muito variável. Por isso, há personalidades que superam tipos de alienação e não outros. Apresentam, muitas vezes, atitudes colidentes nas relações de trabalho e na vida



familiar e assim por diante.

Tentativas de superação das alienações, ainda que no plano interior, psicológico, refletem a existência de uma generidade quanto à superação da mudez do gênero apenas em-si. Assim, qualquer expressão consciente da generidade constitui uma característica importante do processo da alienação e da luta contra ela. Em termos históricos, significa que a consciência do homem como generidade para-si cria raízes na existência humana. No crescente e contraditório recuo das barreiras naturais, a elevação do indivíduo acima da pura particularidade ocorre somente porque a consciência alcançou uma socialização bastante ampla. Mas este ato de elevação consiste em ter consciência de que o homem é um gênero apenas em-si e o seu tornar-se para-si constitui somente uma possibilidade. Diz Lukács:

É a consciência da melhor parte dos homens, daqueles que, no processo da autêntica humanização, colocam-se em condições de dar um passo à frente com relação à maioria dos seus contemporâneos; e é essa consciência que a despeito de todo problema prático, empresta às manifestações desses homens uma tal durabilidade. Expressa-se neles uma comunhão de personalidade e sociedade que mira precisamente a essa adequação plenamente explicitada do homem ao gênero. Com a sua disponibilidade a empreender um progresso interior nas crises das possibilidades às quais o gênero chegou pelos caminhos normais, tais pessoas – nos momentos em que as possibilidades de uma adequação ao gênero para-si são materialmente exploráveis – contribuem para produzi-la efetivamente (1978, p.17).

No indivíduo particular se forma uma consciência quanto a ser parte do gênero humano que pode motivar suas ações singulares. Entretanto, a essência do gênero humano é vista por ele apenas no seu modo de existir imediato. Não percebe que, em sua essência, a generidade tem a objetividade de ser de um processo histórico no qual a vida dos indivíduos constitui parte indispensável e integrante da totalidade do seu movimento. Um indivíduo humano pode elevar-se de personalidade particular, apenas em-si, a uma personalidade para-si através da consciência de que a superação da completa mudez do homem como gênero em-si implica o alcance de uma autêntica generidade humana para-si. Nessa relação cria-se o vínculo real e não mais mudo do indivíduo com o gênero humano, e ele, em relação a si mesmo, pode elevar-se além da mera particularidade. Enquanto individualidade entra em conflito com a própria sociedade, recusa conscientemente as contradições ali existentes e constrói suas aspirações a uma autêntica generidade humana.

Quando conflitos dessa natureza atingem o caráter de massa no sentido das contradições entre forças produtivas e relações de produção, eventos deste tipo podem tornar-se momento do fator subjetivo de uma revolução social. Em momentos não revolucionários de caráter massivo representam manifestações conflituais da consciência que reagem às limitações do gênero humano ao nível do em-si. Visto que o





desenvolvimento social não tem caráter teleológico, suas conseqüências, manifestas no ser social e na vida dos indivíduos, criam reações e conflitos cujo combate é realizado através de ideologias. Quando as ideologias operantes no cotidiano, ou seja, o conjunto dos valores sociais que configuram a base das decisões alternativas dos indivíduos, já não constituem respostas satisfatórias, gera-se uma inquietação. Os indivíduos podem reagir com a submissão ou com a rebelião, mas essa insatisfação expressa a contradição referente ao desenvolvimento genérico.

Não significa que quando o indivíduo se insurge contra as ideologias dominantes ele tenha necessariamente clareza de querer, por exemplo, construir uma nova ordem social. Contudo, revela que este conflito se refere à sociabilidade, cujo desenvolvimento porta contradições que acabam por penetrar até as mais íntimas expressões da vida humana. A insatisfação dos indivíduos, com a generidade particular, indica a contradição interna entre generidade e personalidade. Ao mesmo tempo mostra a conexão entre elas, pois a intenção na defesa da própria individualidade, a prescindir da consciência que o indivíduo possa ter, é, por último, dirigida às formas de generidade para-si construídas até então. Esse tipo de posição teleológica entre os dois pólos da totalidade social não oferece qualquer garantia de realização da finalidade. A ela podem faltar ações práticas e até mesmo os conteúdos essenciais. Revelam manifestações antecipatórias de aspirações individuais que contêm a possibilidade de ser e de não ser. Para Lukács, antecipações de possibilidades que podem permanecer conservadas em forma da grande arte e da grande filosofia, mas também de certas vidas exemplares, na memória do gênero humano, como momentos da gênese do para-si.

### Considerações finais

O resgate da dimensão ontológica marxiana realizado por Lukács numa época marcada pela dicotomia entre ontologia e ciência constitui um evento significativo para o conhecimento. Configura as bases de uma completa interação dialética entre homem e sociedade, tendo como pano de fundo a afirmação do ser social como um complexo objetivo e específico do ser em geral; da história como processo não teleológico em si mesmo, mas resultante das posições teleológicas dos homens; da totalidade como complexo de complexos dinamicamente distintos e articulados.

Sua *Ontologia* leva à constatação de que a personalidade, em nenhum sentido, pode ser o resultado de um processo puramente interior. Além disso, formas de consciência do gênero em-si emergem necessariamente do desenvolvimento das forças produtivas sem as quais não seria objetivamente possível um desenvolvimento do gênero. A personalidade como síntese das capacidades individuais é também um processo do decurso necessário da sociabilidade. Efetivamente, sem qualquer síntese seria impossível o desenvolvimento, a utilidade, a adequação às constantes necessidades da produção que, entre outras coisas, impulsionam também a uma síntese das capacidades individuais em individualidades genéricas. O processo global



da generidade humana faz surgir a personalidade em-si e para-si. Porém, a personalidade em-si deve cumprir funções no processo de reprodução social e, por isso, se apresenta nos moldes de uma realidade operante na prática. A personalidade para-si, ao contrário, é produzida somente como possibilidade, algo latente cujas condições de realização não são definíveis *a priori*, dependendo de um amplo campo de variáveis no movimento da práxis.

Na práxis social, a unificação de indivíduo e gênero pode significar a transformação do indivíduo em autêntica personalidade. Deste modo, ele atribui decisiva função à personalidade na história humana ao afirmar que: “Somente aqueles nos quais a necessidade da personalidade é dirigida a uma tal unidade entre gênero e exemplar podem superar, de verdade e totalmente, os últimos resíduos de mudez, podem tornar-se, enquanto personalidade entendida plenamente, sujeitos ativos de uma verdadeira história da humanidade” (Lukács, 1990, p.74-5). Assim, o problema da personalidade se conecta ao do sujeito e da história humana, alcançando uma maior ampliação e completude exploratória na *Ontologia* do que em outros autores, até mesmo do que no próprio Lukács em suas primeiras aproximações ao tema, na *Estética*, obra que a antecede.

### Referências

COSTA, Gilmaisa M. da. *Indivíduo e Sociedade: sobre a teoria da personalidade em Georg Lukács*. Maceió, Edufal, 2007.

DUARTE, Newton. *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. Campinas, Autores Associados, 1993.

LESSA, Sergio. *Mundo dos homens: trabalho e ser social*, São Paulo: Boitempo, 2002.

LEONTIEV, Alexei. N. *Actividad, consciencia y personalidad*. Buenos Aires, Ediciones Ciencias del Hombre, 1978a.

\_\_\_\_\_. *O desenvolvimento do psiquismo*, tr. Manuel D. Duarte. Lisboa, Livros Horizonte, 1978b.

LUKÁCS, Georg. *As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. Temas de Ciências Humanas n. 4*. Tr. C. N. Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

\_\_\_\_\_. *Per l' ontologia dell' essere sociale*. Tr. It. Alberto Scarponi, Roma, Riuniti, 1981.

\_\_\_\_\_. *Prolegomini all'ontologia dell' essere sociale: questioni de principio di un'ontologia oggi divenuta possibile*. Tr. It. Alberto Scarponi, Milano, Guerini & Associati, 1990.



MARX & ENGELS. *Grundrisse 1857-1858*. T I, México, Fondo de Cultura Económica, 1985.

MARX, K. *Manuscritos Económico-Filosóficos*. Tr. Jesus Ranieri, Perdizes, SP, Boitempo, 2004.

OLDRINI, Guido. "Lukács e o caminho marxista ao conceito de 'pessoa'". In: *Práxis*, Belo Horizonte, Projeto, n.3, 1995.

ROSDOLSKY, Roman *Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2001.

SÈVE, Lucien. *Marxismo e teoria da personalidade*. v.1. Lisboa, Livros Horizonte, 1979.

SILVEIRA, Paulo. & Doray, B. (orgs.) *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*, São Paulo, Vértice, 1989.

TERTULIAN, Nicolas. *Marx: uma filosofia da subjetividade*. Tr. Juarez Duayer, *Outubro*, São Paulo, Instituto de Estudos Socialistas, n.10, 2004.